

Arte e meio ambiente sob a ótica do talentoso e combativo artista Kleber Galvêas

Entrevista, transcrição e fotos

Braz Campos Nicole¹

140



O artista Kleber Galvêas se destaca por sua defesa em prol do meio ambiente. Desde os anos 1970 denuncia a questão do pó preto na Grande Vitória, ES. Foi um dos últimos a conviverem com o grande pintor Homero Massena. Reside e trabalha na Barra do Jucu, Vila Velha (ES), junto ao seu ateliê, onde seus talentos podem ser visitados diariamente.

¹ Especialista em Direito Material e Processual do Trabalho pela OAB ES (2008), graduado em Administração pela UVV (1996). Também é graduado em Direito pela UVV (2005) e graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. Contato pelo e-mail: braznic@hotmail.com

Braz: Você não é nascido em Vila Velha. Fale um pouco sobre sua chegada a essa cidade.

Kleber: Nasci em Dores do Rio Preto. Meu pai, sendo médico formado em Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, foi um dos poucos sanitaristas do estado. Foi designado para atuar em São Mateus e, assim, passei dois a três anos morando nessa cidade. Meu pai resolveu se especializar em psiquiatria no Rio de Janeiro. Mudamos, assim, para aquela cidade e, concluindo o curso, voltamos para São Mateus e lá ele foi nomeado o primeiro diretor do centro de saúde, ali no Parque Moscoso. Assim, mudamos para Vila Velha em 1955. Fomos morar em um sobrado na esquina da Antônio Ataíde com a Quinze de Novembro. Para se ter uma ideia de como era Vila Velha nessa época, era o único sobrado que existia na cidade, e essa, acanhada, possuía 20.000 habitantes, e se resumia à Prainha e aos distritos mais povoados, que eram Argolas e Barra do Jucu. Nessa época ainda havia as duas praias centrais, a de Inhoa, onde é o quartel da Marinha hoje, e a Prainha, ainda antes de se tornar esgoto, mas foi uma infância fabulosa.

B: Como foram os seus primeiros contatos com o mundo da arte?

K: Minha mãe pintou alguns quadros que decoravam nossa casa. E como eu era um menino encapetado, ela descobriu que me fornecendo material de desenho e pintura ela conseguia uma trégua. Assim, isso começou na mais tenra infância dentro de casa e ainda eu estudei no Colégio Marista, em que desde o primeiro ano até o terceiro científico eu tive a felicidade de ter aulas de desenho e isso desenvolveu em mim algumas técnicas.

B: Como foi o seu convívio com Homero Massena?

K: Em certa ocasião, minha mãe resolveu pintar as paredes da nossa casa com cores diferentes no mesmo cômodo, por exemplo, a sala passou a ser vermelha e azul, e aí, ao final do trabalho do pintor sobram algumas latas com resto de tinta a óleo, que se usava muito antigamente. Eu peguei aqueles restos, arranquei a parte de trás do guarda roupas que ficava no meu quarto e pinte ali uma paisagem, com um pincel rústico. Eram uns barcos

e uma pedra; lembravam um pouco o Morro da Concha, na Praia do Barrão, com as canoas ali na beira mar, aqui da Barra. Minha família conhecia o Homero Massena e minha mãe se entusiasmou com a pintura e levou para ele ver. Eu tinha entre 12 e 13 anos. O Massena disse: “Esse menino leva jeito, traga-o aqui para a gente conversar”. Daí se iniciou esse contato maravilhoso com o grande mestre Massena, contato que só foi interrompido com sua morte em 1974. Eu frequentei assiduamente o ateliê do Massena dos 12 aos 26 anos. Aqui no meu ateliê tem três pequenas pinturas do Homero nas paredes, e que, se depender de mim, serão eternas, não posso reformar essas paredes.



Pequenas pinturas de Homero Massena nas paredes do ateliê do Kleber Galvêas.

B: Como você classifica sua arte?

K: É sempre a forma a serviço do conteúdo. Se eu quero mostrar a impressão que eu tive de alguma coisa, de algum lugar, eu sou impressionista; se eu quero contar uma história, e quem conta história, abaixa os tons de acordo com a ênfase que se quer dar à narrativa, eu deiformo, eu crio situações irreais para contar minha história pelo pincel, aí eu sou expressionista, eu estou me expressando; agora, se eu quero deixar uma coisa livre, fazer uma brincadeira com forma e colorido, mexer mais com a sensibilidade ótica das pessoas, eu sou abstrato, então a minha escola é uma escola livre. A forma sempre a serviço do conteúdo.

B: Você realizou trabalhos diversos. Quais, em sua opinião, mais se destacaram?

K: Eu nunca fiz uma grande exposição internacional. Fiz um curso de gravura em Lisboa e expus ao final como aluno. Depois expus no Oregon, nos Estados Unidos, numa associação comunitária para mostrar o que fiz naquele ambiente. Expus em Barbados, uma exposição interessante pelo lado financeiro, pois foi organizada pelos colecionadores de arte de Barbados, que são milionários e vendi tudo em duas horas. Tenho uma exposição permanente em São Francisco, em Lisboa, mas os mais importantes trabalhos que fiz foram aqui mesmo, por exemplo, a exposição na sede comunitária na Barra do Jucu em 1977, que me deu muita segurança, em que inventei muitas paisagens criadas por mim, em que destaquei o verde, para ver se as pessoas identificavam alguma coisa com o local, com coisas da região. Daí eu adotei uma estratégia curiosa em que pintei um retrato de uma pessoa muito conhecida da Barra e botei esse retrato na entrada da exposição; e como as pessoas que chegavam reconheciam essa pessoa, se sentiam na obrigação de identificar os locais pintados e muitos deles não existiam, e eu era convocado para dirimir as dúvidas, mas eles sabiam que era alguma coisa daqui. Mas a minha exposição mais importante é essa que faço - permanente desde 1979 - com a minha porta aberta sempre, aqui, todos os dias da semana e recebendo as visitas mais diversas, desde crianças de rua às criancinhas das creches, até o pessoal das universidades. Virtualmente rebemos muitas visitas, mais de oitenta países,

desde o Afeganistão até os americanos, que são os que mais visitam, depois são os portugueses, depois os russos, e depois os ingleses.

Das exposições que fizemos recentemente, que marcaram muito, foi uma de 2006, em comemoração aos quatrocentos anos do livro Don Quixote, que é um livro super difundido, tanto que em 1608 esse livro era *best seller* na China. Agora em 2012 tivemos a exposição Primavera Silenciosa, para chamar a atenção para o lançamento, aqui no Brasil, do livro com mesmo nome, quarenta e oito anos depois de seu lançamento nos Estados Unidos. Tal livro influenciou o presidente Kennedy a determinar o banimento do DDT naquele país e a criação da agência de proteção ambiental americana. DDT é um poderoso pesticida, mas que é altamente cancerígeno e interfere na vida dos pássaros, daí o nome Primavera Silenciosa, que é uma primavera sem canto dos pássaros.

Agora estamos com a exposição Paisagens Capixabas Caprichadas, valorizando as paisagens naturais do Espírito Santo, com enfoque principal nos megalíticos, essas montanhas de pedra que temos com fartura e que não são comuns pelo mundo afora.

B: Você veio para a Barra do Jucu nos anos 1970. Fale um pouco da sua vinda, o porquê da Barra.

K: Eu decidi morar aqui na Barra quando eu tinha sete anos. Eu vim com minha família a um piquenique na Barra do Jucu em um domingo inesquecível. A Barra era bem diferente do que é hoje. Nós comemos uma moqueca de pitu, a praia maravilhosa ainda tinha uma nascente no Morro da Concha, que fazia uma lagoa de água cristalina e geladinha, lagoa essa protegida por pedras que depois foram dinamitadas e viraram os alicerces de muitas casas aqui da Barra. Essa lagoa deslumbrante desapareceu, pois desmataram todo o Morro da Concha, mas foi um dia maravilhoso e jurei que um dia eu viria morar aqui na Barra do Jucu. No dia do meu casamento eu comprei essa casa, que é o meu ateliê e que é a última casa primitiva de antigos pescadores daqui. São nas suas paredes que estão as pequenas pinturas do Massena.

B: E o carnaval da Barra do Jucu?

K: É fantástico, mas é um carnaval que é um filhote do congo da Barra. O congo sempre foi um jornal falado da comunidade. As coisas que aconteciam durante a semana, na congada dos finais de semana elas eram comentadas ali na roda de congo, era também onde os rapazes ganhavam as meninas, onde as fofocas circulavam e, então, o congo deu duas vertentes, uma musical, que foi a Banda Casaca - onde se mesclou o congo com o rock - e a outra é essa crítica social que é feita pelo carnaval da Barra do Jucu. Por exemplo, há três anos lançamos uma música aqui no carnaval que é a Vaca de Ferro, uma crítica à questão do pó preto da Grande Vitória, música essa que está disponível no site do ateliê, que é <http://www.galveas.com/>.

145

B: Sobre as manifestações pelo Brasil e no Espírito Santo. Emita sua opinião.

K: Importantíssimas, apoio totalmente. Veja bem, o local próprio para o povo se manifestar seria o plenário da Assembleia Legislativa, com cadeiras acolchoadas e ar condicionado, mas o governo não ouve o povo, insiste com esse jeito, excluindo a população das decisões, assim, uma hora o caldo entorna. Nas audiências públicas que venho comparecendo há mais de dez anos, o maior número de deputados era dois, só tinham dois deputados. Nós já estamos cansados de sermos feitos de bobos, pois nas audiências em que defendem os interesses das empresas poluidoras, essas enchem o plenário com pessoas das comunidades em que doam uma quadra de esporte ou uma rua asfaltada, e que nesse caso estão lá senão todos, pelo menos a maioria dos deputados.

B: Você faz uma crítica aberta sobre a questão do pó preto. Quando você percebeu esse problema e sua evolução?

K: Em 1972, em uma situação, eu e o Homero pegamos uma velha moringa de barro e, de um lado, pintamos uma figura humana ocidental com cara tímida e com um cacho de cabelo de criança e, de outro, uma pessoa simbolizando um oriental, de chapéu e de óculos com

uma cara agressiva. Era o capixaba submisso ao japonês, essa moringa está aqui no ateliê. Isso foi pintado em uma conversa nossa sobre a colonização siderúrgica do Espírito Santo.

Todos os anos, no dia dezessete de março, é colocada uma tela virgem branca aqui atrás do ateliê, em uma varanda coberta e bem protegida por árvores até o dia seis de maio, portanto, 50 dias. Em seguida, esfregando essa poeira com os dedos nós fazemos desenhos criticando essa poluição. Infelizmente, são dezessete anos colecionando fracassos, não conseguimos sensibilizar a grande mídia e os políticos estão sempre ausentes. Felizmente, nessas manifestações está sendo também cobrada essa questão do pó preto. Quem ver a CPI da poluição na Assembleia Legislativa na época do governo Max Mauro, há de ver ali depoimentos de pneumologistas, alergistas, cientistas, sobre os efeitos dessa poluição para a nossa saúde, não só a do pó preto, mas também dos gases, do dióxido de enxofre que, combinado com a água das chuvas, nos presenteia com ácido sulfúrico. A grande empresa financia pesquisas e que todos sabem muito bem seus resultados. Isso deveria ser pesquisado pela Ufes, mas de forma independente e não em parceria com a grande poluidora.

B: Uma mensagem para comunidade acadêmica.

K: Venham conhecer o ateliê do Kleber Galvêas na Barra do Jucu.